

EDUCAÇÃO MUSICAL E INCLUSÃO: relatos de formação, ação e pesquisa

Regiana Blank Wille

Universidade Federal de Pelotas
regianawille@gmail.com

Luana Medina de Barros

Universidade Federal de Pelotas
luanamedinas@gmail.com

43

RESUMO

Esta comunicação apresenta um trabalho que vem sendo realizado na Universidade Federal de Pelotas e que tem como objetivo o desenvolvimento de ações pedagógicas em educação musical a partir da formação e ação de alunos do curso de Música – Modalidade Licenciatura em Música, voltados à Infância. As ações envolvem projetos de extensão, ensino e pesquisa e trabalham as concepções que orientam as práticas de atuação em educação musical dos licenciados que atuam na educação musical infantil. Este relato procura mostrar os processos de formação dos licenciandos e a partir disso como essas ações que possibilitam o pensar sobre a atuação inclusiva. Defendemos educação inclusiva enquanto um princípio educacional, cujo conceito fundamental defende a heterogeneidade na classe escolar ou neste caso em aulas de musicalização infantil, como situação provocadora de interações entre crianças com situações pessoais as mais diversas.

Palavras-chave: Educação musical e inclusão. Formação. Projetos unificados.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Nas discussões realizadas sobre a formação de professores de música, em vários encontros e publicações da área da educação musical a temática da inclusão tem se mostrado presente. São discussões que revelam o quanto a formação profissional precisa levar em consideração uma outra realidade escolar, onde a função de educar não está mais restrita somente à escola, mas compreende outros espaços de aprendizagem e revela novas demandas profissionais (HENTSCHKE, 1995; SOUZA, 2000; ARROYO, 2000). Além disso pensar em formação de professores e em educação musical, seja no contexto da sala de aula do ensino regular ou fora dele, também é pensar em inclusão.

Destacando a importância de oportunizar aos acadêmicos/futuros professores práticas ao longo do curso e considerando que não é a acumulação de conhecimentos que constrói a formação, iniciamos o trabalho de musicalização para bebês (posteriormente foram inseridas outras turmas com crianças até quatro anos) com um grupo de licenciandos dentro do Laboratório de Educação Musical – LAEMUS da Universidade Federal de Pelotas. Este caracteriza-se como um espaço onde são desenvolvidas atividades pedagógico-musicais para a comunidade, através de diversas atividades musicais, dentre elas a musicalização para bebês e crianças até quatro anos. A criação do LAEMUS enquanto um espaço de ensino e aprendizagem, além de organizar o trabalho realizado com a extensão no curso de Licenciatura em Música tem a preocupação de propor aos acadêmicos, uma vivência em educação musical que possa contribuir em sua formação como professores de música. Trabalho este com enfoque voltado à infância, pois além deste projeto de musicalização de bebês e crianças existe ainda outro projeto com infância e ensino de instrumentos musicais (flauta-doce e instrumental ORFF).

A partir da efetivação dos projetos de extensão (iniciados em 2007), foram surgindo outras demandas consideradas prementes face aos desafios que foram surgindo. Essas necessidades ou desafios referem-se especificamente a temática da inclusão. A formação de um Grupo de Pesquisa¹ e também de um Grupo de

¹ Grupo de Pesquisa Formação Docente e Educação Musical registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ.

Estudos² (em formato de projeto de Ensino) vieram se somar às atividades já realizadas com a extensão.

A procura dos projetos de extensão para inserção de crianças com deficiência em sua maioria autistas, nos surpreendeu, não tínhamos a experiência com relação à inclusão e este foi um grande desafio. Dessa forma, o desenvolvimento de ações pedagógicas em educação musical para os projetos voltados à infância e com foco na inclusão necessitaram uma formatação que pudesse conectar efetivamente a formação dos futuros professores e que fosse capaz de congrega ensino, pesquisa e extensão. Os projetos de extensão/musicalização foram criados para suprirem a demanda de educação musical para bebês e crianças pequenas, isso significa que não há seleção para ingresso desde que se tenham vagas, qualquer criança pode participar. Assim, o trabalho na formação de professores de música necessitou estar qualificado também nesta faixa-etária e os projetos específicos voltados à educação infantil qualificados ainda mais unindo o ensino, a ação e a pesquisa.

A partir daí consideramos necessário observarmos, discutirmos e até mesmo revermos o que havíamos realizado na educação infantil e se fosse necessário mudarmos nossas práticas. Foram ações extremamente necessárias se considerarmos que o trabalho envolvendo a música ocorre:

[...] pela exploração, pela pesquisa e criação. Pela integração de subjetivo e objetivo, de sujeito e objeto, pela elaboração de hipóteses e comparação de possibilidades, pela ampliação de recursos, respeitando as experiências prévias, a maturidade, a cultura do aluno, seus interesses e sua motivação interna e externa (BRITO, 2003, p. 53).

Assim, o trabalho na formação de professores de música necessitaria estar ainda mais qualificado também nesta faixa-etária. A realização de investigações voltadas aos projetos que se dedicam a infância e a música dentro do Curso de Música- Licenciatura da UFPEL, vieram suprir uma demanda importante na qualificação do licenciandos e de suas ações durante o curso. Nossas intenções tem sido tornar nossos acadêmicos/futuros professores de música, profissionais mais preparados, conscientes de suas práticas e o mais importante, participantes destas

² GEEMIN: Grupo de Estudos em Educação Musical e Inclusão.

reflexões e possíveis mudanças. Fazer com o que os futuros professores pensem suas práticas desde já pressupõe torná-los reflexivos desde o início de sua construção enquanto docentes de música.

Pensando no ensino da música para todos há de se incluir também a população de futuros alunos com deficiência. Segundo Paulon, Freitas e Pinho (2005, p. 28) “os cursos de formação de professores pouco abordam sobre educação inclusiva e conhecimento acerca das necessidades educacionais especiais dos alunos”, e que o despreparo desses professores é um dos maiores obstáculos para a educação inclusiva. Seria de grande importância que os educadores musicais tivessem conhecimento de atividades musicais para tais alunos durante sua formação. Quanto ao preparo do educador musical no trabalho com alunos com deficiência Louro, Alonso e Andrade (2012, p. 43) afirmam que “há caminhos e possibilidades para se alcançar resultados de boa qualidade musical inclusiva, contanto que o professor se prepare antecipadamente”. Para que isso se concretize são necessários grupos de estudo, pesquisa que possam dedicar-se ao tema paralelamente à formação do futuro educador musical. No projeto de extensão de Musicalização de bebês e Musicalização Infantil já temos vários participantes com Autismo. A formação e atuação de um grupo de estudos viabilizou o aprendizado de nossos acadêmicos participantes dos projetos e também de outros alunos do curso efetivando o caráter de junção do ensino da pesquisa e da extensão

A educação infantil e os espaços relacionados a infância são sempre repletos de práticas musicais e as representações sobre infância, quase sempre vem relacionadas as práticas com música. Sendo a educação infantil uma das etapas do desenvolvimento da criança onde o brincar e a ludicidade estão presentes, tornou-se necessário pensarmos o trabalho educativo e refletirmos seriamente sobre como iríamos trabalhar, neste caso especificamente com a música e a inclusão.

As atuações do grupo de estudos e do grupo de pesquisa junto aos projetos de extensão tem proporcionado aprofundamento das temáticas abordadas sobre música e inclusão. As leituras e reflexões têm ampliado o conhecimento das necessidades e possibilidades de um trabalho em educação musical comprometido com a inclusão de todos e todas. A atuação conjunta do tripé ensino, pesquisa e extensão tem fortalecido o grupo de monitores que trabalha nos projetos de

musicalização infantil e conta com vários participantes deficientes. A atuação conjunta tem sido relevante na formação dos futuros professores de música, possibilitando a ampliação dos conhecimentos acerca da inclusão e uma formação mais sólida e que seja inclusiva, no real sentido da palavra.

2 AÇÕES INCLUSIVAS

47

Atualmente pensar em educação musical no contexto da sala de aula do ensino regular, também é pensar em inclusão. A partir do ano de 1981, declarado o “Ano Internacional das Pessoas Deficientes”, pela Organização das Nações Unidas – ONU, foram iniciadas diversas discussões a respeito da inclusão das pessoas com deficiência nos diversos meios da sociedade, criando um novo conceito em relação a inclusão, denominado “Paradigma de Suporte” (MEC, 2005). De acordo com Louro (2012, p. 27):

O conceito baseia-se no pressuposto de que a pessoa com deficiência tem direito à convivência não segregada e ao acesso imediato e contínuo aos direitos disponíveis aos demais cidadãos. No entanto, para que isso aconteça, é necessário que haja um suporte (social, econômico, físico ou instrumental), um meio que garanta o acesso a todo e qualquer recurso da comunidade (LOURO, 2012, p. 27).

Isso inclui, claro, o direito de ir à escola e fazer parte dela, ser parte da sociedade e ter o direito de participar. Para Schambeck (2016), a partir dessas políticas de atendimento às pessoas com deficiência no contexto educacional brasileiro, não se pode ignorar a realidade da inclusão desses alunos no contexto da escola básica. E aqui destacamos a inclusão em outras atividades como projetos de extensão, oficinas, escolas de música. Mas como formadores dos futuros professores, precisamos ter consciência de que:

[...] para um avanço das propostas pedagógicas, as políticas oficiais que defendem a integração dos alunos com deficiências na escola básica, embasadas pelos discursos de igualdade de condições e oportunidades, identidade com os demais alunos e pleno desenvolvimento cognitivo, social e cultural, devem focar,

também, as questões de formação dos profissionais envolvidos (SCHAMBECK, 2016, p. 24).

Fica claro que não basta o desejo de incluir alunos com deficiência em sala de aula, se os professores que os receberão não tiverem o preparo necessário para atendê-los e devidamente incluí-los em suas classes. Louro (2015) diz que no processo de inclusão, os principais fatores a serem estudados são as pessoas e o modo como elas aprendem, seu desenvolvimento motor e emocional e também seus problemas de aprendizagem. Tudo isso sem esquecer é claro de estudar música, metodologias, abordagens diferenciadas, estratégias pedagógicas e psicologia cognitiva.

Os monitores dos projetos de extensão são todos voluntários, sendo em sua maioria alunos do Curso de Música Licenciatura de diversos semestres. Mas também contando com alunos dos Cursos de Bacharelado em Música, alunos do Mestrado em Educação e voluntários que, após passarem por reuniões e treinamentos atuam auxiliando como apoio nas aulas. Os monitores são responsáveis realização das aulas de musicalização e condução através de violão, piano e instrumentos que tiverem domínio, bem como o desenvolvimento das atividades através do canto. Além disso são responsáveis pela organização da sala de aula, limpeza, esterilização dos brinquedos e dos instrumentos utilizados pelos bebês e crianças, recepção dos pais e cuidadores, apoio na entrega e troca de materiais durante as atividades.

As aulas de musicalização acontecem em uma sala específica do projeto, no Laboratório de Educação Musical – LAEMUS, que possui vários armários com os equipamentos utilizados nas aulas como instrumentos musicais (tambores, chocalhos, maracas, metalofones, xilofones, pandeiros, violões de brinquedo), fantoches de mão como sapo e jacaré que são utilizados para acompanhar as canções que falam sobre os personagens, dos quais os bebês e crianças demonstram grande afeição ao cumprimentá-los, quando “chegam” e quando “saem” das músicas durante a aula.

As aulas dos projetos são realizadas com pais e crianças sentadas no chão. A sala de aula possui tapetes e almofadas que são organizados em formato circular de modo que todos possam se ver e interagir uns com os outros. Todos são convidados

a tirar os calçados antes de entrarem na sala pois os bebês andam pelo no chão, colocam suas mãozinhas nele e depois na boca, onde os cuidados com a higiene são extremamente necessários. A sala também possui violão, piano e flauta doce que pertencem ao projeto e são utilizados pelos monitores durante a condução das aulas do projeto.

Em nosso trabalho com a musicalização de bebês e crianças temos reiterado a importância das práticas musicais e como estas são auxiliares no desenvolvimento das habilidades perceptivas. Desta forma, as práticas musicais realizadas no projeto têm sido direcionadas e preparadas para confrontar-se com diversas situações, neste caso específico para com a inclusão das crianças com Transtorno do Espectro Autista. Segundo Louro (2006):

Não é necessário, portanto, reservar o ensino de música para pessoas com deficiência somente à instituições especializadas ou direcioná-las unicamente com intenções terapêuticas, pois assim estaremos negando o princípio da inclusão social de um contingente expressivo de alunos e, quem sabe, possíveis profissionais da música. Portanto, as escolas e os professores de música precisam estar sensíveis e preparados para compreender a diversidade de nossa população (LOURO, 2006, p. 30).

Pode-se perceber que a participação dos bebês e crianças, tanto neurotípicos como aqueles com alguma deficiência têm permitido que estes usufruam de suas habilidades comunicando-se com seus pais/ cuidadores, brincando, sorrindo e/ou gesticulando com o coleguinha e se envolvendo com as canções realizadas em aula. Alguns pais comentam que seus filhos cantam ou tentam cantar as canções da aula em casa. Vários bebês que entraram no projeto falavam pouquíssimo e atualmente já conseguem até cantar nas aulas por meio do fazer musical que passou a fazer parte da rotina deles e seus acompanhantes, pois toda semana a musicalização se faz presente.

Muitas vezes nos primeiros encontros alguns bebês estranham, choram mas com o passar das aulas observa-se que a primeira coisa que os bebês fazem após se acostumarem com a aula de música é chegar e tirar os calçados indo para o tapete onde todos se sentam nas almofadas e ficam esperando os colegas chegarem e começar a aula. Os bebês tem se musicalizado por meio das diversas canções, eles têm manuseado em aula instrumentos musicais como chocalhos,

violão de brinquedo, pandeiros e tambores. Ao participar do projeto identifica-se a importância deste para os pais e bebês por proporcionar um momento especial para estes através da musicalização. Os pais cantam com os bebês e fazem os gestos que os monitores mostram conforme a canção.

Todas as aulas são planejadas com o propósito de musicalizar e contribuir com o desenvolvimento dos bebês, então sempre procuramos estar atentos às necessidades das crianças. Temos como objetivo que todos participem e se sintam pertencentes ao grupo. Isso nos faz refletir sobre a importância de observar e saber as limitações particulares de cada participante. Acreditamos que o projeto de musicalização com bebês e/ou crianças tem acrescentado aspectos relevantes à formação de futuros professores de música por incluir todos aqueles que procuram o projeto. Consideramos imprescindível que os educadores musicais tenham um olhar sensível, ou seja, que tenham capacidade de observar as dificuldades individuais de seus alunos e nunca os excluam de suas aulas independente de suas particularidades sejam estas econômica, social, cognitiva ou condição física.

Ressalta-se que ao participarem do projeto de musicalização, os bebês e crianças realizam atividades diferentes das habituais que geralmente ocorrem com psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e fisioterapeutas. São importantes atividades que estimulam o cérebro de uma forma diferente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que a musicalização para os bebês e crianças, trabalhada de forma lúdica, responsável e com embasamento teoricamente sustentado, contribui sobremaneira para a formação de um ser sensível, capaz de exercitar sua concentração, a organização de ideias e o raciocínio lógico. As atividades ainda colaboram no desenvolvimento do falar, escrever, agir e reagir.

Consideramos a educação musical como um processo de construção do conhecimento, onde o resultado das vivências musicais realizadas na infância irá contribuir para desenvolver prazer, cultura e gosto musical duradouro nos futuros adultos (ILARI, 2002). Aplicamos isso em nossas estratégias, e percebemos as manifestações dos bebês, dos seus pais e/ou cuidadores. As atividades musicais

realizadas proporcionam às crianças a interação e conhecimento do mundo sonoro tal como ele é, também o brincar com este mundo da forma como ele não é. Esta interação com o mundo sonoro real possibilita estruturar suas possibilidades vocais e realizar trocas musicais, necessárias ao seu desenvolvimento cognitivo musical. Nossos limites ainda se referem a possibilidade de ofertarmos mais turmas e em outros níveis, pois temos uma fila de espera.

A partir das aulas vivenciadas nos projetos de musicalização de bebês e crianças percebe-se a sua importância para a formação do futuro educador musical. São oportunidades de experiência direta com as aulas para os bebês e crianças que possuam alguma deficiência ou não, na preparação de aulas e principalmente a constante supervisão e orientação da coordenadora. A coordenadora auxilia nas dificuldades, sugerindo alterações, repertório e outras atividades que possam complementar no aprendizado e nas futuras atuações no mercado de trabalho.

Outro fator que tem sido percebido é que com as novas leis de inclusão e a inserção cada vez maior de alunos com deficiência nas salas de aula da educação básica, o trabalho de inclusão que tem-se desenvolvido dentro do projeto, permite o contato com alunos que contém algum tipo de deficiência e alunos típicos, trabalhando estratégias para que eles se desenvolvam conjuntamente. Além da importância de se realizar a inclusão desde cedo, com os bebês, pois as crianças crescem aprendendo a conviver com as diferenças, se tornando menos preconceituosas e mais compreensivas. Toda esta contribuição através da música resulta em indivíduos apreciadores, tanto os pais e alunos, e em específico a formação dos futuros docentes, experiência e vivência através do projeto de musicalização.

Consideramos que essa intersecção entre a extensão, o ensino e pesquisa a partir das leituras, discussões e reflexões fortalecem a nossa atuação, renovam as disposições e nos garantem uma atuação mais efetiva. A participação de crianças autistas no projeto, tem no desafio a buscar embasamento teórico e prático para uma real inclusão social. Essas ações fortalecem a formação docente, resultando em contínuas adaptações e compreensão do mundo do autista. As crianças com Transtorno do Espectro Autista, participantes do projeto têm demonstrado perceptíveis diferenças de comportamento e desenvolvimento musical, estas são

visíveis a partir de suas reações quando envolvidos nas dinâmicas e atividades musicais, pois estimulam o cérebro de uma forma diferente.

Consideramos que a construção de significações, a gênese do pensamento e a própria constituição como sujeito são feitas através das interações constituídas com outros parceiros em práticas reais e palpáveis através de um ambiente que reúne circunstâncias, elementos, práticas sociais e significações. Este trabalho interativo realizado nos projetos de Musicalização Infantil e para Bebês que se origina na interação com parceiros é prolongado por toda a vida especialmente na educação escolar e poderá avaliar reproduzir e transformar as significações sociais abrindo um amplo campo de transformação pessoal.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Margaret. Transitando Entre o “Formal” e o “Informal”: Um Relato Sobre a Formação de Educadores Musicais”. **Anais do VII Simpósio Paranaense de Educação Musical**. Londrina: out/2000. p. 77-90.

BRITO, Teca Alencar. **Música na Educação Infantil**: propostas para a formação integral da criança. São Paulo; Petrópolis: 2003.

HENTSCHKE, Liane. A Atividade Educacional como Fator de Interdependência entre os Discursos Musical e Sobre Música. **Anais da ANPPOM**. UFMG, página da internet: www.musica.ufmg.br/anppom, 1995.

ILARI, Beatriz Senoi. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 7, 83-90, set. 2002.

LOURO, Viviane dos Santos. **Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas**. São José dos Campos, SP, 2006.

_____. **Fundamentos da Aprendizagem Musical da Pessoa com Deficiência**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Som, 2012. 296 p.

_____. Autismo, Música e Teoria da Mente. **Anais...** SIMCAM X, Campinas, 2014, p. 343 - 350.

_____. Educação Musical Inclusiva: Desafios e Reflexões. IN: SILVA, Helena Lopes da; ZILLE, José Antônio Baeta; **Música e Educação: Série Diálogos com o Som**. V.2. Barbacena: EDUEMG, 2015. p. 33-49.

LOURO, Viviane dos Santos; ALONSO, Luís Garcia; ANDRADE, Alex Ferreira de. **Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas**. São José dos Campos: Ed. Do Autor, 2006.

PAULON, Simone Manieri.; FREITAS, Lia Beatriz; PINHO, Gerson Smiech. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005, 48p. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticodeinclusao.pdf>>, acesso em 7 out. 2012.

SCHAMBECK, Regina Fink. Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música. **Revista da ABEM**, Londrina, v.24, n.36, p23-35. Jan/Jun. 2016.